

José Neves. “Fazer o balanço da Revolução Soviética é como andar de baloiço”

 ionline.sapo.pt /533189

Sedas Nunes 2010, o Prémio CES Jovens Cientistas Sociais de Língua Portuguesa 2009 e o Prémio Victor de Sá de História Contemporânea 2008. O IHC vai organizar para o ano um Congresso Internacional Karl Marx sobre a Revolução de Outubro. Os 100 anos da Revolução Soviética eram o mote desta conversa.

Cem anos de Revolução Soviética fazem que sentido?

Que sentido?

Sim, são uma comemoração, são uma reinvenção da revolução, uma crítica ou um exorcismo?

É seguramente um acontecimento histórico. É um dos quatro ou cinco acontecimentos que resumem a época contemporânea, nos quais ela pode ser constelada, resumida e sintetizada. Depois, como todos os acontecimentos históricos, independentemente de suscitarem um olhar historiográfico e memorialístico, esse olhar é sempre política, ideológica e moralmente interessado e comprometido – dependerá muito de cada pessoa a resposta a essa questão. No Instituto de História Contemporânea, que tem como seu objeto principal a história contemporânea, o nosso primeiro interesse foi assinalar aquela que é a revolução, para muitos autores que tomaram o século xx como unidade histórica, e o momento, com a I Guerra Mundial, que marca o início do século xx. Era algo que não poderíamos falhar. Depois, alguns historiadores têm, como é o meu caso, uma relação de curiosidade académica e historiográfica, e também de identificação memorialística – não que tenha vivido o acontecimento, mas faz parte, na história do século xx, da história de um movimento muito plural e contraditório mas que pode ser chamado movimento comunista. Para alguém que tenha simpatia por esse movimento, que é o meu caso, embora tenha feito dele meu objeto de estudo, tem um interesse duplamente crítico: a nível científico, mas também a nível político. Não no sentido de herdar o acontecido e celebrá-lo pura e simplesmente, mas no sentido de também pensar o presente e o futuro a partir do que se passou nos últimos 100 anos, e não ficar só pelo assinalar de um evento. Finalmente, é também pensar na ideia de revolução, independentemente de ser a Revolução Soviética...

Há uma anedota histórica que conta que perguntaram a Chu En-Lai, antigo primeiro-ministro chinês, qual era a avaliação que fazia da Revolução Francesa, e ele teria respondido: “É muito cedo para fazer uma avaliação.” É cedo para avaliar a Revolução de Outubro de 1917?

É mais do que possível e é inevitável fazer um balanço. Não é possível fazer um balanço objetivo. Um balanço é uma coisa que se faz em relação ao passado mas que se pretende fazer para ganhar balanço em relação ao futuro. É como andar de baloiço, é aquilo que explico em algumas aulas de História. Balanços é isso, é olhar para trás, para andar para a frente com uma determinada motivação. Fazer balanços objetivos não é possível. Primeiro, o balanço é saber que a revolução acabou ou não, se ela é apenas parte de um passado histórico. No caso da revolução soviética, ela é parte de um passado, até porque, querendo-o ou não, ela é a história de um regime que caiu: aquilo que vai entre a Revolução e a queda do Muro de Berlim e, depois, da União Soviética é um capítulo histórico que terminou e que depois podemos objetivar. A ideia de revolução na época contemporânea, a ideia de revolução comunista, a ideia de uma rutura com impacto imediatamente internacional, essa ideia, de alguma maneira, terá acabado para uns, e para outros não. Os episódios revolucionários que têm na Revolução Francesa, na Revolução Soviética e, antes, na Revolução Haitiana o seu fulcro podem servir para ver a Revolução Soviética como um capítulo de uma história maior que não está terminada.

Do ponto de vista histórico, tem sentido falar de uma revolução como uma rutura total que cria um antes e um depois?

Tem sentido falar da revolução como um momento de rutura total, evidentemente, sendo fácil e razoável dizer que todas as rupturas totais têm elementos de continuidade, mas, de alguma forma, as revoluções, tal como a política, tal como a história, podem ser nomes que damos à diferença e às relações de descontinuidade. Isso depende muito de como entendemos a história. Se entendermo-la é sobretudo um processo feito de

continuidades, prolongamentos e a reprodução do que existe, e tivermos um entendimento quase sociológico da história, a ideia de revolução será sempre vista com ideia menos importante em relação a termos a ideia de uma história como política em que construímos o mundo em que queremos viver: isso implica assumir uma rutura em relação ao mundo existente.

Falar sobre a Revolução Soviética significa considerar que é possível romper com o capitalismo que existe?

Significa duas coisas: primeiro, há um conjunto de debates que se fizeram após a queda da União Soviética que são debates muito importantes em torno de dinâmicas ditatoriais e autoritárias que o comunismo e o regime soviético tomaram no século xx; mas significa dizer que a ideia de comunismo não se resume a estes debates e que não se pode ignorar o que aconteceu. A verdade é que, hoje, em relação aos anos 90, o debate da ideia de comunismo é olhado de uma forma muito mais ambivalente: se é verdade que o comunismo pode ser associado a alguns dos momentos mais repressivos da história do século xx, é também verdade que ele aparece como um dos momentos de maior emancipação e resistência desse mesmo período. A história do comunismo está, desse ponto de vista e enquanto qualquer coisa que abarca esses dois fenómenos, por fazer. A atual história do comunismo ou o demoniza como um fenómeno totalitário que encarna o Estado no seu máximo de repressão; ou é uma história romântica, hagiográfica e identitária, em que ele se celebra como qualquer coisa de inegavelmente progressista e benigno. A história desta tensão, entre repressão e libertação, é qualquer coisa que está por fazer e isso é um desafio que, de alguma maneira, só agora é possível concretizar.

Relacionados

[Os 100 anos que abalaram o mundo](#)